

**O MUNDO ARTIFICIAL E A INSPIRAÇÃO NATURAL PARA O  
DESIGN CONTEMPORÂNEO SUSTENTÁVEL**

**THE ARTIFICIAL WORLD AND NATURAL INSPIRATION FOR  
SUSTAINABLE CONTEMPORARY DESIGN**

**EL MUNDO ARTIFICIAL Y LA INSPIRACIÓN NATURAL PARA  
EL DESIGN CONTEMPORÁNEO SOSTENIBLE<sup>1</sup>**

**Grupo de Trabalho 2 - Ciências humanas e questão ambiental**

**Ana Cláudia Pinheiro Santos Faustini**

**ana.pinheiro@ifsp.edu.br**

**UNESP - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Faculdade de  
Arquitetura, Artes e Comunicação - Câmpus Bauru**

**Resumo**

O presente artigo discorre sobre o cenário de distanciamento da natureza e dos diversos elementos artificiais que o mundo contemporâneo oferece ao homem da atualidade. O objetivo geral é a investigação do design contemporâneo, que tem buscado estratégias de retorno do contato com a natureza, a revalorização da mesma e o desenvolvimento de artefatos que utilizam elementos naturais como inspiração estética e simbólica, além da preocupação com a sustentabilidade. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica e documental, discussões, análise qualitativa, questionamentos e proposições. Por fim, torna-se notável a retomada da temática poética da natureza no design contemporâneo, que integra o valor estético e o significado simbólico, demonstrando que a abordagem de tal temática soma forças ao design sustentável de objetos desenvolvidos com preocupação com impactos ecológicos, fundindo assim os conceitos de forma, material e finalidade em um objetivo comum.

Palavras chave: design; natureza; sustentabilidade.

**Abstract**

This article discusses the scenario of distancing from nature and the various artificial elements that the contemporary world offers to today's man. The general objective is the investigation of contemporary design, which has sought strategies of return of contact with nature, its revaluation and the development of artifacts that use natural elements as aesthetic and symbolic inspiration, in addition to the concern with sustainability. The methodology used was bibliographic and documentary research, discussions, qualitative analysis, questions and propositions. Finally, it is noteworthy the resumption of the poetic theme of nature in contemporary design, which integrates aesthetic value and symbolic meaning, demonstrating that the approach of such theme adds strength to the sustainable design of objects developed with concern for ecological impacts, merging thus the concepts of form, material and purpose in a common goal.

Keywords: design; nature; sustainability.

---

<sup>1</sup> Artigo desenvolvido como trabalho final da disciplina Design Contemporâneo, do Programa de Pós-Graduação da UNESP - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - Câmpus Bauru.

### **Resumen**

Este artículo analiza el escenario de distanciamiento de la naturaleza y los diversos elementos artificiales que el mundo contemporáneo ofrece al hombre de hoy. El objetivo general es la investigación del design contemporáneo, que ha buscado estrategias de retorno del contacto con la naturaleza, su revalorización y el desarrollo de artefactos que utilizan elementos naturales como inspiración estética y simbólica, además de la preocupación por la sostenibilidad. La metodología utilizada fue la investigación bibliográfica y documental, debates, análisis cualitativo, preguntas y proposiciones. Finalmente, es notable la reanudación del tema poético de la naturaleza en el design contemporáneo, que integra el valor estético y el significado simbólico, lo que demuestra que el enfoque de dicho tema agrega fuerza al diseño sostenible de objetos desarrollados con preocupación por los impactos ecológicos, fusionándose así los conceptos de forma, material y propósito en un objetivo común.

Palabras clave: design, naturaleza; sostenibilidad.

### **INTRODUÇÃO**

O design contemporâneo, segundo Moura (2019), é a expressão das manifestações contemporâneas nos contextos político, cultural, social, econômico e tecnológico que ocorre na produção de objetos, ambientes, sistemas e serviços nas diferentes escalas do corpo ao ambiente, ao espaço, a cidade com diferentes significações e que passam a conferir importância ao simbólico, ao subjetivo, às sensações, à memória e destacam o inclusivo, o participativo, colaborativo, o social e o sustentável. À luz do passado, fazendo a leitura do tempo presente, com perspectivas do futuro, visando uma melhor abordagem de análise, comparação e interpretação (MOURA, 2010), procura encontrar meios para entender e sempre favorecer a vida cotidiana.

Ao analisar a contemporaneidade e os modos de vida dos sujeitos que a compõem, nota-se uma tendência que vem sendo construída ao longo dos séculos: o distanciamiento da natureza.

Como um ser orgânico e animal por natureza, o ser humano acabou criando em torno de si uma série de dispositivos e barreiras que o distanciam de suas origens naturais. Desde a pré-história os artefatos desenvolvidos pelo homem já o auxiliavam à sobrevivência e melhoria de vida. Com o avanço das tecnologias, da industrialização, da engenharia, do design e muitos outros fatores, cada vez mais os recursos naturais foram sendo explorados para a produção de objetos artificiais que permeiam a vida humana.

Como certifica Moura (2008), o design impregnou a vida cotidiana e passa a ser dia a dia mais valorizado em um universo plural, que extrapola a imaginação, rompe fronteiras, e confirma novamente que a criação e a imaginação são elementos

fundamentais na vida contemporânea. As próprias moradias, os objetos de uso, os locais de convivência humana, de compras, são testemunhas de como a criatividade é desenvolvida e valorizada na criação do artificial para o benefício da vida, e de como está presente na vivência humana. Uma criança que cresce no século XXI mais do que nunca se verá rodeada por dispositivos tecnológicos e toda uma gama de produtos e serviços que possam satisfazê-la a habitar em um mundo de cimento, por mais que seu desejo instintivo maior seja de brincar na terra. O próprio sistema econômico fomenta o desejo pelo consumo de objetos artificiais, as propagandas estimulam, as empresas visam os lucros e o crescimento sempre é o objetivo. Não é mais possível ser contra o sistema nos dias de hoje, já que no mundo construído pelo homem, quase nada existe fora do domínio do artificial, do oposto ao natural (CARDOSO, 2012).

Fromm (1987) afirma que o contato humano com a natureza se tornou até mesmo hostil e, os homens, dotados da dádiva da razão, buscam aplacar os problemas existenciais dominando e transformando a natureza de acordo com seus interesses, que na verdade se assemelham mais à destruição. Como um retorno à pré-história, quando a sobrevivência estava em jogo, novamente surge na contemporaneidade uma preocupação com a sobrevivência física, dependente de uma mudança no caráter do próprio ser humano.

O design, conforme destaca Papanek (1971), deve responder às reais necessidades do homem, como uma ferramenta inovadora, multidisciplinar e criativa, desse modo, é possível perceber um pensamento no sentido de suficiência, de que o além já pode se tornar exagero e desperdício. Como síntese do seu pensamento, afirma que existem poucas profissões mais danosas que o design. Assim, designers acabam sendo também culpados pela irresponsabilidade de criar todo um universo artificial que pode não atender às prioridades da vida humana.

Um movimento da Arte Moderna no início do século XX exemplifica a hipervalorização do mundo artificial: o Futurismo glorificava o mundo moderno e a cidade industrial. A exaltação da máquina e da "beleza da velocidade", associada ao elogio da técnica e da ciência, torna-se emblemática da nova atitude estética e política.

Mas na verdade, esse enaltecimento da vida urbana artificial têm um contraponto na psiquiatria. Estudiosos alertam sobre os perigos do distanciamento da natureza para o agravamento das doenças mentais, intensificadas pelo mundo artificial e pelo caos urbano. A natureza tem sido ferramenta de terapia para a manutenção da saúde da mente. Espaços construídos com pouca luz natural e contato reduzido com ambientes externos,

como shoppings, tendem a desnortear os ciclos de dia e noite e estações do ano, necessários para o bom funcionamento do corpo humano.

Em uma pesquisa realizada no ano de 2018, no Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia de São Paulo - Campus Tupã, foram questionados pais e alunos sobre o conhecimento e o uso de plantas medicinais. A pesquisa coletou entre os dados que apenas 19,3% dos pais entrevistados responderam não ter nenhum conhecimento sobre tais substâncias, enquanto que entre seus filhos, 62,5% afirmaram não ter nenhum conhecimento sobre plantas medicinais (CUNHA; VIEIRA, 2018). Não é possível chegar a uma conclusão concreta, já que há diversos fatores a serem analisados, porém é possível notar que o conhecimento e o uso de plantas medicinais podem ir se perdendo nas gerações mais recentes, com a urbanização que se acentua e em decorrência, o distanciamento da natureza.

Para o agravamento da questão, além de artificial, o mundo contemporâneo tem se tornado gradativamente estetizado. Lipovetsky e Serroy (2015) discorrem sobre o mundo hipermoderno, que passa por um processo de estetização que extrapola as esferas de produção, mas também alcança o consumo, as aspirações, os modos de vida, a relação com o corpo e olhar para o mundo. Nesse sentido, a estetização da vida, que sempre idealiza a beleza e o prazer, de certa forma pode conduzir ao artificial, já que muitas vezes o natural não satisfaz nem produz esteticamente o que é demandado pelos desejos de consumo dos sujeitos.

Os próprios corpos humanos têm sofrido alterações estéticas ao longo do tempo. Enquanto séculos atrás o corpo feminino ideal exibia uma cintura mais fina possível, alcançada com o uso de espartilhos e estruturas prejudiciais ao organismo, hoje notamos também uma ditadura da beleza imposta pelas mídias. Para alcançar essa estética específica, pessoas são levadas a realizar alterações artificiais em seus corpos, como cirurgias plásticas, uso de próteses ou implantes, injeções de materiais sintéticos, pinturas permanentes e tatuagens, e é possível até mesmo citar o uso de suplementos e anabolizantes que alteram a sintetização de proteína ou a produção hormonal para um resultado mais primoroso. Além disso, há o aumento do consumo da indústria cosmética, com as maquiagens mais “milagrosas”: corretivos à prova d’água que impermeabilizam a pele e apagam qualquer imperfeição, batons que possuem substâncias inflamatórias que aumentam a estrutura labial, rímeis que dão a sensação de expansão dos fios dos cílios e mais uma infinidade de produtos revolucionários. O mais curioso é que muitas vezes o

objetivo não é um resultado natural aprimorado, mas realmente artificial. O corpo tem sido palco de intervenções em que o padrão não caminha no sentido do que é natural.

Na área da alimentação, intervenções artificiais vêm se acentuando. Os produtos alimentícios produzidos há muitos anos já possuem corantes (puramente estéticos), acidulantes e aromatizantes artificiais, sem falar no uso de agrotóxicos, inseticidas e hormônios mais variados na produção vegetal e animal. Ademais, nos últimos tempos vem crescendo os estudos sobre comidas totalmente artificiais: para suprir a demanda da população, tem se desenvolvido a criação de alimentos sintéticos, ou seja, produzidos dentro de laboratórios através da química, dispensando os mecanismos naturais. O que ainda não se pode determinar são os possíveis danos à saúde pelo consumo de tais alimentos.

Os relacionamentos também passam a carregar uma concepção artificial. Por meio de telas, as pessoas se comunicam e expressam sentimentos. As imagens digitais podem disfarçar os defeitos, as mensagens de texto podem produzir interpretações variadas e as vidas perfeitas on-line podem ser falsificadas.

As músicas contêm grande parte dos sons produzidos artificialmente e inclusive as vozes possuem alterações de edição. As artes visuais desde os *ready-mades* já passam a utilizar objetos industriais para questionar o que de fato é a arte.

O cérebro humano vem competindo com o desenvolvimento da inteligência artificial, ramo da ciência que estuda processos automatizados que procuram replicar o raciocínio, a percepção e a tomada de decisões humanas. Tal possibilidade que utiliza o avanço computacional revela o desejo de conseguir um ser artificial que sinta, pense e realize atividades humanas, talvez com muito mais habilidade. No mesmo campo do conhecimento tecnológico, a realidade virtual é um campo de pesquisa que vem desenvolvendo-se numa linha crescente: virtual, portanto passível de ser absolutamente estetizada. Os óculos de realidade virtual 3D são capazes de imergir a consciência humana na experiência visual, tornando-a quase real. Não é raro encontrar pessoas que chegam a reagir fisicamente como se estivessem vivendo o que a realidade virtual apresenta: quedas de montanha russa, sustos, jogos e até mesmo viagens virtuais a lugares distantes já estão sendo comercializadas, oportunizando vivências inesquecíveis apenas no mundo cibernético, totalmente artificial.

E a própria natureza tem sido copiada, artificializada e estetizada. Segundo a revista Casa Vogue (JACOB, 2019), na Ambiente 2019 - Feira de decoração de Frankfurt,

na Alemanha, surpreendentemente, as plantas artificiais foram presença unânime nos estandes das marcas, como uma tendência oficial. Antes estigmatizadas como antiquadas ou “cafonas”, atualmente tem ganhado espaço até mesmo entre os mercados de luxo, afinal, plantas naturais exigem cuidados e variam seu estado estético de acordo com as estações do ano. Segundo a reportagem, o verde buscado dentro dos ambientes da atualidade não precisa ser obrigatoriamente natural, mas as imitações artificiais também podem trazer a sensação de reconexão com a natureza. A produção de plantas artificiais tem se tornado cada vez mais hiper-realista, uma vez que até mesmo assimetrias e imperfeições que plantas naturais costumam possuir, passam a ser observados para a produção das artificiais, tão esteticamente idealizadas. É possível notar então, um afastamento da natureza em si, mesmo que haja o desejo de obter a sua presença, mas na verdade, artificial.

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica e documental, discussões na disciplina Design Contemporâneo do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - Câmpus Bauru, análise qualitativa, questionamentos e proposições.

A investigação se desenvolveu em quatro etapas:

- 1ª etapa: Pesquisa Bibliográfica e Documental;
- 2ª etapa: Discussões na disciplina Design Contemporâneo;
- 3ª etapa: Análise qualitativa;
- 4ª etapa: Questionamentos e Proposições.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O homem, tão complexo e heterogêneo, em alguns pontos do globo começa a aperceber-se da insustentabilidade da vida de hoje, da poluição e do artificial que vem invadindo espaços, modos de vida, engenharia e design, e num caminho contrário passa a conceber tentativas e possibilidades de retorno da presença de elementos naturais integrando ou inspirando suas criações, principalmente no sentido de iniciativas mais sustentáveis que buscam um equilíbrio com o meio ambiente.

O próprio vidro nas construções é utilizado para trazer integrações poéticas dos momentos do dia e das estações do ano em um jogo de reflexos e transparências, de forma

que a vegetação do exterior integre o ambiente interno e a luz natural torne-se um dos aspectos centrais, deixando-se permear os espaços internos de convivência, participando do cotidiano das pessoas. A ideia de conceber construções em suas relações com o meio ambiente ocasiona uma bela fusão entre o arquitetônico e o nativo (LIPOVETSKY, 2016).

Os jardins verticais surgem com toda a força na contemporaneidade, trazem o verde e o frescor para casas, apartamentos e até mesmo estabelecimentos comerciais. Apresentam-se com os mais criativos suportes: paletes de madeira, blocos de construção, gavetas de móveis antigos, tecidos; e sustentam desde flores, folhagens, ervas, temperos e suculentas, convidando a receber os cuidados daqueles que gostam do contato com a natureza e da prática da jardinagem.

Hortas comunitárias em escolas também são iniciativas urbanas de um incentivo, o contato com a natureza nas novas gerações, começando desde pequenos.

Para o design, a natureza pode ser aproveitada de diversas formas: na exploração como matéria-prima, existente desde os primórdios do ser humano; na observação e captação de seus aspectos funcionais aplicados às criações artificiais; e na inspiração estético-simbólica nos projetos desenvolvidos.

No caso da utilização da natureza como matéria-prima num contexto de retorno da natureza para a cena contemporânea, apontam-se as biojoias, que são artigos de joalheria compostos por materiais naturais: sementes, flores, frutos, fibras vegetais, conchas, pedras brutas, etc. Têm como uma de suas características a exclusividade e originalidade de peças únicas, já que as matérias-primas possuem formas orgânicas singulares. Recebem produções artesanais com princípios sustentáveis, quebrando o paradigma de que a moda é fútil e extravagante e trazendo a consciência da valorização da preciosidade da natureza, com equilíbrio e respeito ao meio ambiente.

Empregada como matéria-prima para a fabricação de grande parte do mundo artificial, a natureza é também inspiração funcional para o design, e ainda há muito a ser pesquisado. Existem estudos específicos que procuram na natureza a fonte de conhecimento para seus projetos: a biônica e a biomimética. Munari (1998) define biônica como o estudo dos sistemas vivos, buscando encontrar processos, técnicas e novos princípios que podem ser aplicados tecnologicamente, de forma que o ser humano aprimore suas necessidades. A biomimética é também uma ciência multidisciplinar que parte da natureza com a análise dos organismos vivos e suas funções para a reprodução

das estratégias e soluções nos produtos industriais, que são portanto, artificiais. Porém, um dos princípios aliados a esses conceitos é o da criação de sistemas mais sustentáveis, através do exemplo da natureza, almejando o seu equilíbrio. Dentre exemplos, o velcro é clássico, baseado no funcionamento dos carrapichos e no sentido da sustentabilidade, após estudos das barbatanas das baleias, as hélices de turbinas eólicas operam mais silenciosamente e com 20% mais eficiência. A natureza já desenvolve e aprimora projetos há milhões de anos, tem soluções acessíveis e incríveis disponíveis para designers, engenheiros, arquitetos, biólogos, médicos, agricultores, profissionais da logística e tantos outros. Uma plataforma colaborativa chamada AskNature (2018) incentiva pesquisadores a trocar informações e pesquisas sobre biônica e biomimética.

Além de estudos baseados na questão funcional e pragmática da natureza, aspectos simbólicos e sensíveis são notados nos objetos que recebem inspirações da natureza esteticamente. Em sua magnitude, quando analisados sobre a questão estética, tudo o que é natural: vegetais, animais e minerais possuem uma variedade impressionante e formas geralmente orgânicas deslumbrantes, adequando-se assim à tendência de estetização proposta pela contemporaneidade. Apesar do distanciamento da natureza, não é surpresa que ela seja amplamente utilizada como inspiração estética, simbólica e poética pelo design contemporâneo, mesmo que apenas em determinados aspectos de objetos artificiais. Elas estão por toda a parte: design gráfico, estampanaria, mobiliários, design de superfície, objetos de uso, construções e demais inspirações diversas.

O campo de ação do design é o da configuração de objetos, projetados para usuários, que estabelecerão relações entre si, com outros indivíduos e também com o meio ambiente (BOMFIM, 1997). Além de executarem suas funções, os objetos receberão graus de significação e possivelmente atingirão aspectos simbólicos no nível psicológico, de acordo com o repertório de cada indivíduo, suas experiências, vivências, aptidões, paixões. Portanto, assim como na arte, o design possui significados diferentes para cada um, afinal, são interpretações subjetivas. Quando a “musa inspiradora” é a natureza, presente para a manutenção de toda a vida, é possível talvez atingir um grau de aceitação em um alcance maior de usuários?

O design contemporâneo desenvolve uma proximidade com a arte e, nesse sentido, muito similar a ela, amplifica a busca pelo envolvimento e a interação das pessoas no universo da experiência sensível e da construção de narrativas, provocação de reflexões críticas, despertamento para interpretações baseadas nas abstrações individuais,

com o estímulo da fruição estética e geração de novas poéticas (MOURA, 2015). A natureza como fonte inesgotável de inspiração, na transformação do natural para o artificial pode ser apreciada desde o aspecto visual, com a utilização de suas formas, a elementos sensoriais como toques, texturas, aromas, aparências, talvez não literais, mas instintivos, para a geração de associações simbólicas.

Inseridos no contexto do envolvimento dos usuários, existem os valores culturais e repertórios estético-simbólicos a serem computados no projeto (BOMFIM, 1997). Essa significação é mutável, ou seja, vai sendo transformada ao longo do tempo e das diversidades nos sujeitos, nos modos de vida, nos ambientes e na cultura de uma sociedade. A natureza é, de certa forma, menos inserida em transições temporais, já que sempre esteve e espero que sempre esteja presente no cotidiano coletivo global. Dessa forma, no caso do uso de elementos naturais como inspiração para o design, é possível cogitar que essa significação se torne em certo grau mais permanente? A madeira natural, por mais que utilizada em aplicações diversas e explorada como matéria-prima, nunca sai de “moda”, e até mesmo são realizadas imitações das cores e texturas da madeira em revestimentos.

Nota-se que são realizados recortes em meio à grande temática inspiradora: natureza. As facetas estético-simbólicas aproveitadas para comercialização são as mais distintas, mas ela não deixa de ser tema chave e central nas criações mais diversas. Exemplificando essas facetas exploradas sazonalmente, a folhagem costela de Adão (*Monstera deliciosa*), caiu no gosto comercial e popular a partir do ano de 2017: é parte do natural e inspira as mais variadas criações artificiais. A cadeira *Monstera* de Philip Ahlström e a sandália rasteira costela de Adão da Farm são projetos desenvolvidos baseados na planta, além de cerâmicas, joias, peças decorativas, estampas e muitas outras aplicações encontradas no mercado.

Na arquitetura, Lipovetsky (2016) discorre sobre o momento que chama de minimalismo contemporâneo, com criações inspiradas pelas formas encontradas na natureza, na busca pela harmonia entre a natureza e o homem, para atingir o equilíbrio, assim gerando fluidez entre os espaços e até mesmo formar metáforas visuais e evocar poéticas do mundo ao redor, como o Estádio Nacional de Pequim, na China, de Herzog e Meuron, com suas formas externas e estrutura sugerindo um ninho de pássaro, ou a de Toyo Ito no parque de relaxamento Torrevieja, na Espanha, que evocam as dunas de um deserto. Como Zumthor (apud LIPOVETSKY, 2016, p. 225) afirma: “A magia do real é

para mim a alquimia da transformação das substâncias materiais em sensações humanas”. Projetos que comunicam emoções sensíveis adquirem um acréscimo de significação e, possivelmente, de relevância.

A proposição da associação da função dos objetos à poética (MOURA, 2010) é coerente em um mundo atual repleto de complexidades ideológicas, estetizações generalizadas e busca por experiências sensíveis e significações criativas. As especificações de formato, material e finalidade dos objetos devem coexistir para que relacionados, atendam às reais necessidades do cotidiano de seus usuários.

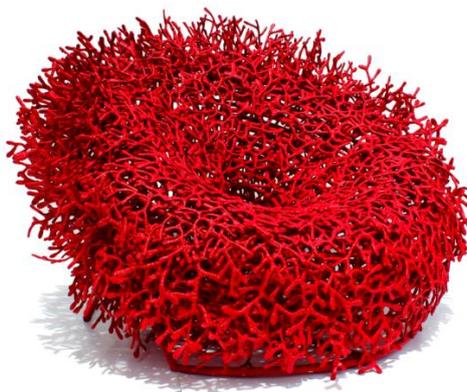
Bomfim (1997) comenta sobre não ser segura a identificação de leis que determinam as preferências por cores, formas geométricas, texturas e outras características objetivas em objetos. Comprovou-se em experimentos apenas diferenças entre indivíduos de acordo com faixas etárias, meio socioeconômico, grau de instrução, formação cultural, ambiente geográfico e outros fatores. Novamente se tratam de aspectos subjetivos, de acordo com as experiências individuais positivas ou negativas dos envolvidos. Com base nas relações humanas muito intrínsecas com elementos naturais, questiona-se: uma característica da natureza empregue em um objeto, não empírica, mas simbólica, poderia carregar significações mais efetivas, amplas e permanentes nos sujeitos? Como a função dos objetos passa a ser relacionada às questões emocionais, lembranças, vínculos afetivos, prazer sensível, qualidade de vida (MOURA, 2015), seria possível um elemento da natureza presente em um objeto gerar associações poéticas em um nível mais célere ou facilmente recebido pelas pessoas? Na suposição de uma situação mais concreta: uma peça decorativa com uma artística forma que tem como referência as folhas da costela de Adão pode receber uma aceitação mais abrangente do que uma peça em forma de lâmpada, pirâmide ou de algum outro elemento artificial?

Certamente os elementos relacionados: o elemento da natureza e o outro elemento não natural especificamente empregados sejam determinantes para a preferência sensível individual. Porém, é possível que de forma geral, a natureza, tão próxima e ao mesmo tempo tão distante da humanidade contemporânea, sinônimo de equilíbrio e calma em muitas culturas, possa estabelecer predileções em um grupo maior de indivíduos.

Para o acréscimo de mais aspectos para a análise, muitos designers que buscam essa relação estético-simbólica direta com a natureza, procuram também agregar valores sustentáveis às suas criações. O “design e artesanato”, um dos novos enfoques do design contemporâneo, é um tópico ecológico agregado a muitos objetos inspirados na natureza.

A poltrona Acaú (Figura 1), do designer brasileiro Sérgio Matos, tem o nome de uma praia paraibana e a identidade do entorno local. Possui as formas do coral Chifre de Alce e evoca a poesia de um recife na junção das muitas peças que dão suporte à estrutura. A montagem simula a estética calcária reproduzida no arame dobrado à referência da natureza e ganha a cobertura do fio de algodão, reunindo o conceito artesanal e sustentável em colaboração com as marisqueiras e artesãs de Acaú (MATOS, 2014), além de conter o teor surpreendente do rompimento de fronteiras almejado no design contemporâneo.

Figura 1 - Poltrona Acaú, de Sérgio Matos.



Fonte: Matos (2014).

As luminárias do designer inglês David Trubridge também possuem relações diretas com a natureza: a inspiração estético-simbólica e a preocupação sustentável. Suas peças, que recebem formas geométricas e orgânicas advindas da natureza, são desenvolvidas a partir de matérias 100% reaproveitadas, como madeiras, folhas e fibras. O pendente floral (Figura 2) é uma peça baseada em formas geométricas de poliedros com linhas curvas inspiradas em flores e vegetações naturais. Uma luminária de traços orgânicos que traz para os ambientes o próprio material natural e elementos visuais que remetem diretamente às suas inspirações, o próprio jogo de luz e sombras que a sua forma produz com a luz acesa busca aguçar o instinto e aludir a um ambiente selvagem e florestal. Os produtos são entregues desmontados, com instruções para a montagem, produzindo interação com o projeto na composição artesanal do próprio comprador com seu produto.

Figura 2 - Luminária floral e inspirações naturais.



Fonte: Trubridge (2018).

A empresa de David Trubridge, situada na Nova Zelândia, é construída sem impactos ambientais: em madeira, recebe apenas fontes de energias renováveis, tem iluminação e aquecimento com tecnologias sustentáveis, realiza os maiores esforços para a redução de resíduos na fabricação dos produtos com reciclagem própria, compostagem e incineração para a geração de eletricidade e possui um pomar com árvores frutíferas, apicultura e pastagens para animais, assumindo assim “um compromisso com a terra que nos dá a vida e a humanidade que a divide conosco” (TRUBRIDGE, 2018).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensar a respeito do ser humano, da sociedade na qual vive em suas subjetividades e diversidades, também passa a ser uma das ações do designer na contemporaneidade. Ao notar o distanciamento da natureza na construção do mundo artificial, o homem contemporâneo tem buscado estratégias plurais para o retorno da presença do natural à sua volta e a sua revalorização.

Uma vez que nos dias de hoje o objeto recebe uma ampliação de sentido e significação, o design inspirado na natureza pode também receber uma funcionalidade mais adequada para usuários contextualizados nos anseios da atualidade, já que oferece uma temática poética, que integra o valor estético e o significado simbólico e gera experiências sensíveis.

Com a inserção do tópico sustentável, possivelmente torna-se notável a retomada da natureza como parte das vivências cotidianas do design contemporâneo e como a questão estético-simbólica inspirada no natural soma forças às criações do design que tem uma preocupação com os impactos ecológicos, trazendo a fusão dos conceitos de forma, material e finalidade em um objetivo comum.

## REFERÊNCIAS

ASKNATURE. **Instituto de Biomimética**. 2018. Disponível em: <asknature.org>. Acesso em: 16 jul. 2019.

BOMFIM, Gustavo Amarante. **Fundamentos de uma Teoria Transdisciplinar do Design: morfologia dos objetos de uso e sistemas de comunicação**. n. 2, v. 5, RJ, Aend-BR, 1997. p. 36-39.

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 23.

CUNHA, Fanley Bertoti; VIEIRA, Gabriel Eduardo Ceolin. O conhecimento sobre o uso de plantas medicinais: uma comparação geracional. **9º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP e 3º Congresso de Pós-Graduação do IFSP**, Boituva: IFSP, 2018.

FROMM, Erich. **Ter ou Ser?** 4ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

JACOB, Paula. **Plantas artificiais: entenda como aplicar a tendência em casa**. Casa Vogue, 2019. Disponível em: <<https://casavogue.globo.com/Interiores/Ambientes/noticia/2019/02/plantas-artificiais-entenda-como-aplicar-tendencia-em-casa.html>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

LIPOVETSKY, Gilles. **Arquitetura e Design: uma nova estética da leveza** In: Da leveza: rumo a uma civilização sem peso. Barueri: Manole, 2016. p. 225-227; 234-236.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 30.

MATOS, Sérgio. **Poltrona Acaú**. 2014. Disponível em: <[www.sergiojmatos.com.br/product-page/acaú-armchair?lang=pt](http://www.sergiojmatos.com.br/product-page/acaú-armchair?lang=pt)>. Acesso em: 22 jul. 2019.

MOURA, Mônica. **Design contemporâneo: poéticas da diversidade no cotidiano**. In: FIORIN, Evandro; LANDIM, Paula da Cruz; LEOTE, Rosangela da Silva (Org.). **Arte-ciência: processos criativos**. 1. ed. São Paulo: Cultura acadêmica, 2015. p. 73.

\_\_\_\_\_. Poéticas do design contemporâneo: a reinvenção do objeto. III Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual, 2010, Goiânia. **Anais do III Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual**. Goiânia: Editora da UFG, 2010.

\_\_\_\_\_. Milão: Design, 2008. **Revista dObra[s]**. v. 2, n. 4, 2008. Disponível em: <<https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/333>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. **Enfoques, novas fronteiras e relações do design contemporâneo.** 12 mar. 2019, 25 jun. 2019. Notas de Aula.

MUNARI, Bruno. **Das Coisas Nascem Coisas.** São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 330.

PAPANEEK, Victor. **Design for the real world: Human ecology and social change.** New York: Pantheon, 1971.

TRUBRIDGE, David. **Footprint.** 2018. Disponível em: <https://www.davidtrubridge.com/about/footprint>>. Acesso em: 22 jul. 2019.